



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Aprendendo a ?repelir o macaco? no taijiquan: técnica corporal, produção de pessoa e enskilment em uma arte marcial chinesa.

Autoria: Gabriel Guarino Sant'Anna Lima de Almeida (PUC-RIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Nesta comunicação, apresento um debate acerca do taijiquan enquanto técnica corporal, a partir de um campo exploratório de minha pesquisa de doutoramento. Minha proposta é expor situações de aprendizado para propor uma descrição do processo de treinamento que dê conta de pensar os efeitos da prática na produção da pessoa e de uma cosmologia taoista com o corpo, junto às relações intersubjetivas entre aprendizes e mestres. Como uma prática corporal pode transmitir valores, conceitos e até um sistema de pensamento? Nos textos clássicos chineses, diz-se que o taoismo se aprende, no taijiquan, com o corpo ? e não falando. Já no Ocidente, ?fala-se muito e pratica-se pouco?, relata Jan Silbertoff, um dos primeiros não chineses a ser reconhecido na China como mestre de Chen Taijiquan. As situações de aprendizados descritas vêm de um campo exploratório, realizado ao longo de 2019, num curso de formação de instrutores de taijiquan no Brasil. Neste curso, assumi o lugar de aprendiz e pesquisador, numa observação participante situada, onde meu corpo e minha atenção são ferramentas aliadas à pesquisa. Quanto ao referencial teórico, dois autores e duas autoras fornecem elementos centrais: tomo como partida a noção de ?técnica corporal?



em Marcel Mauss; daí, caminho para a noção de *enskilment* proposta por Tim Ingold, que, em sua concepção ontogenética da habilidade, compartilha elementos com a teoria unificada da pessoa postulada por Christina Toren. Somadas às reflexões de Jean Lave acerca de aprendizado como/na prática, apresento o treinamento marcial como partida para diálogo produtivo com tais autoras e autores, ao analisar os elementos de atenção corporal engajados do treinamento marcial e melhor descrever este processo. A prática do taijiquan se dá pelo aprendizado de rotinas: movimentos e posturas de luta desarmada ou armada (com espadas e outras), executadas numa cadência lenta e constante, e que simulam um combate em intenções de ataque, defesa, esquiva e etc. Tais rotinas são nomeadas em referência a uma cosmologia de influência taoista e budista, tal qual o *Repelir o Macaco* mencionado. Utilizo essas situações de aprendizado para contrastar as noções de *técnica corporal* em Mauss e *desenvolvimento de habilidade* em Ingold. Como conclusões parciais de uma pesquisa em andamento, noto que os termos de Tim Ingold permitem pensar não apenas o treinamento marcial em si, enquanto processo de aprendizado, mas fornecem rendimentos para dialogar com questões acerca da relação cognição, corpo e mente nos termos da abordagem unificada de Christina Toren. Nesta linha, apresento o processo de treinamento como uma produção de pessoa a partir do corpo, onde cosmologia e cognição se dão em contiguidade com o movimento no ambiente.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: